

ABORDAR A ABORDAGEM

John Keith Wood
Núcleo de Estudos em Psicologia
UNICAMP

...um tipo de verdade; não uma verdade central e coerente, mas uma verdade angular e fragmentada.
DeQuincey

Como é considerada, atualmente, a abordagem centrada-na-pessoa? Segundo as mais recentes discussões, tudo e nada. Tem sido caracterizada pelas pessoas que se dizem seus representantes como "uma importante escola de pensamento na Psicologia", "um conceito influente", "um quadro de referência", "um modelo de treinamento para relações humanas", "uma família de estudiosos e praticantes", "uma fonte de status e influência", surpreendentemente, uma "tradição", e como era de se esperar uma "resposta terapêutica".

A abordagem centrada-na-pessoa também é tida como um "meio de comunicação" e como algo que "oferece certos recursos que favorecem a comunicação entre pessoas". Afirma-se também ser uma "filosofia" e um "conjunto de valores", que incluem um "respeito verdadeiro pela dignidade, autonomia e capacidade de mudança das pessoas" e a crença de que "as pessoas se movem em direção à auto-atualização", caso lhes seja proporcionada uma atmosfera que promova o crescimento".

Rogers (1986) descreveu o que considerava uma contradição inofensiva associada à abordagem centrada-na-pessoa: "Ela enfatiza valores compartilhados mas ainda assim encoraja a unicidade. Está enraizada numa profunda consideração pela sabedoria e capacidade construtiva inerentes ao organismo humano. Ao mesmo tempo, encoraja os que incorporam esses valores para que desenvolvam seus modos únicos e especiais de ser, seus próprios modos de implementar essa filosofia que compartilham" (págs. 3-4).

Algumas vezes é divulgada como "um conjunto de atitudes". Além das atitudes facilitadoras já bem conhecidas, diz-se que, "O que é essencial para qualquer consciência verdadeiramente centrada na pessoa, é um sentido de admiração, esperança e humildade ao nos defrontarmos com o mistério das pessoas" (Land, 1987).

Freqüentemente, é retratada como agrupando dissidentes que compartilham, em alguns momentos, a mesma opinião, militando em torno de "questões sobre poder social, influência e continuidade do movimento centrado na pessoa". Se não chega a ser um movimento social, ela se constitui numa utópica "filosofia de ser". Seus seguidores não escondem seu ideal de um mundo de "empatia, verdade, amor incondicional e abertura", que proporcione "apoio mútuo" no qual cada um facilitaria o bem estar do outro. Isso poderia ser conseguido, eles acreditam (como todo bom missionário), se cada um se devotasse a ser mais "centrado-na-pessoa". Esse entusiasmo surge não apenas entre as consciências privilegiadas que podem ser encontradas na Califórnia ou na Nova Inglaterra: "Estamos vivendo una experiencia nueva y de gran movilidad", apregoa um anúncio para um workshop centrado-na-pessoa, na América do Sul.

Popularmente, é tida muitas vezes como um "tema" capaz de ser combinado com outras filosofias ou técnicas; quanto mais improvável o par, melhor. Um professor universitário, por exemplo, sugere "o tema da abordagem centrada-na-pessoa" com Tai Chi Chuan. Recentemente, me deparei com propostas para associar a abordagem centrada-na-pessoa à técnica taoísta da "órbita microcôsmica" e, o que é talvez ainda mais surpreendente, embora não menos sério, a associação da abordagem centrada-na-pessoa à filosofia do desenvolvimento humano de um médico francês, baseada na arquitetura do ouvido interno humano.

Para confundir ainda mais a questão, mesmo os próprios fundadores da Terapia Centrada no Cliente violaram aquilo que tem sido considerado seus "princípios básicos". Eugene Gendlin, por exemplo, falando de sua forma atual de praticar terapia diz, "Eu responderei centrado-no-cliente durante um tempo, e talvez, se perceber que [o cliente] está preparado para contar uma história inteira [...], então vou interromper e dizer, 'vamos apenas ficar quietos e como que sondar dentro'" (Monteiro dos Santos, 1982)

"Pesquisadores" universitários, como sempre, têm estado muito ocupados analisando o que se parece com os ossos de uma escavação arqueológica, e comparando seus achados a espécimens semelhantes. Até agora, emparelharam as idéias de Rogers com as dos psicanalistas Sigmund Freud, Carl Jung e Heinz Kohut; do psiquiatra Milton Erickson; do antropólogo Gregory Bateson; do humanitário H. C. Boyte; do pedagogo Paulo Freire; e do filósofo Martin Buber. A prática de psicoterapia de Carl Rogers foi associada à do personagem televisivo Fred Rogers. O pensamento de Carl Rogers foi associado ao Taoísmo, ao Zen Budismo, aos florais de Bach, à doutrina cristã do pecado original, às virtudes do Novo Testamento. Seus embates profissionais contra a psiquiatria ortodoxa, fez lembrar a alguém, a resistência de Martin Luther frente à Igreja Católica.

A gama de atividades intituladas (tanto errônea quanto acertadamente) "abordagem centrada-na-pessoa" é tão grande e diversificada que justifica a observação do psiquiatra Robert Lifton (1983) sobre as inovações modernas em geral: numa atmosfera de "ecletismo caótico", torna-se "realmente difícil distinguir o dogma estreito e o cultismo intenso de um legítimo compromisso assumido; superficialidade de experimentação audaciosa; e pretensão excessiva de uma realização genuína". (pág. 21)

Cada vez mais com mais freqüência, a própria diversidade tornou-se a descrição da abordagem. Rogers (1986) na sua ânsia de tornar seus méritos amplamente conhecidos, ignorou certas dificuldades e anunciou: "Os princípios da [Terapia Centrada-no-Cliente/Centrada-na-Pessoa] se infiltraram na educação, onde suas implicações revolucionárias provocam controvérsias. Influenciaram casamentos e parcerias. Afetaram as relações com os pais. Alcançaram indústrias e escolas de gerenciamento. [...] A educação e a prática médicas também sentiram uma mudança. Nem mesmo a profissão jurídica ficou isenta. O aconselhamento pastoral foi profundamente modificado. Trabalhadores no desenvolvimento de comunidades atuam de modo diferente. Pessoas de várias ocupações e em todos os caminhos de vida se sentiram com mais poder, descobriram uma compreensão mais profunda do self, aprenderam intimidade"

(pág.4).

Para muitos psicólogos clínicos, particularmente aqueles que se associaram a Rogers, na Universidade de Chicago, a abordagem centrada-na-pessoa diz respeito a um método de psicoterapia individual sustentado por uma teoria precisa e um corpo impressionante de pesquisa. Acadêmicos a promovem como fundamento para programas de treinamento de conselheiros, embora divirjam quanto ao fato de o seu valor ser realizado pelo cultivo de técnicas comportamentais das "condições centrais" ou pela preservação de sua pureza através das atitudes especiais. (Bozarth & Temaner, 1984) Institutos independentes na Europa, oferecem "desenvolvimento de facilitador" para ajudar pessoas a entrarem na profissão psicoterapêutica ou salpicar-lhes workshops em "comunicações inter-culturais", enquanto nos Estados Unidos tenta-se "dar poder às pessoas".

Quando os novatos se sentem perdidos em meio a toda essa confusão, alguns dos veteranos dão de ombros, viram as mãos para os céus e sorriem: "É a nossa velha acp- demais, não?" Na realidade, os veteranos estão divididos. Alguns colocam-se sob a bandeira da Abordagem Centrada na Pessoa, e rejeitam a Terapia Centrada no Cliente por considerá-la indolente, incapaz ou apenas irrelevante. Um experimentado praticante da abordagem centrada-na-pessoa, por exemplo, descarta com arrogância a Terapia Centrada no Cliente e gaba-se de não ter se importado em ler nenhum livro de Carl Rogers. Há também o adepto que alardeia a "Abordagem Centrada na Pessoa (não a Terapia Centrada no Cliente) [como] "um dos dois modelos lingüísticos que mais contribuem para minha compreensão".

A este grupo se uniu uma coleção mundial de birutas (para usar uma palavra exata ainda que não científica), que estão convencidos de serem "centrados na pessoa" (como se fosse uma raça ou nacionalidade), porque compartilham da mesma crença na democracia ou auto-respeito, ou porque são contra a psicanálise ou as injustiças. Embora, freqüentemente, sejam escolados na última onda do politicamente correto, na maioria das vezes conhecem pouco sobre o trabalho de Rogers. O que não os impede de, avidamente, espalharem a palavra de ordem "para tornar nossa abordagem melhor conhecida". Há até mesmo um dentista cujos cartões de visita conclamam as pessoas a *Descobrir Carl Rogers*.

Além disso, o que se deve pensar quando professores universitários europeus organizam uma conferência internacional da Abordagem Centrada na Pessoa e pedem aos participantes que "tragam seus ursinhos de estimação" para uma "sessão com ursos de estimação" que eles programaram. Se você não for dado a ursinhos, ainda poderá cantar juntamente com alguém que "faz Abordagem Centrada na Pessoa em treinamento vocal", outro evento promovido pelos organizadores.

Sob uma bandeira oposta (como em política, economia e religião), existem os fundamentalistas que estão se voltando com "convicção" para a Terapia Centrada no Cliente. Alguns estão ocupados em pedantemente ficar esmiuçando a "pureza" da prática detendo-se em pormenores de uma teoria da Terapia Centrada no Cliente que rapidamente vai se fossilizando. Eles torcem o nariz para fenômenos mais complexos (tais como os dos grandes grupos), deixando o campo aberto para oportunistas que, conscientemente ou não, podem capitalizar em cima do emocionalismo. Para estes "puristas", a Abordagem Centrada na

Pessoa não é nada mais do que outra heresia que destrói famílias, escolas e a fibra moral dos países. A Terapia Centrada no Cliente é promovida como a única e verdadeira representante da Abordagem Centrada na Pessoa e todas as outras atividades profissionais em que Rogers se engajou podem ser descartadas como tendo sofrido a influência psicodélica da Califórnia.

Do lado positivo, pessoas de boa vontade nesse último grupo estão tentando manter a Abordagem Centrada na Pessoa em foco preservando os fundamentos que se desenvolveram a partir dela, para uma psicoterapia eficaz, para impedir que a abordagem perca seu sentido. Da mesma forma, pessoas bem intencionadas do primeiro grupo querem ver a abordagem sendo aplicada eficazmente em áreas que podem não ser estritamente psicoterapêuticas. Porque não em odontologia, ou o que seja? Eles não querem limitar exageradamente as possibilidades ou sufocar experimentos sociais promissores.

Alguns, não muito seguros sobre como lidar com o relacionamento entre Terapia Centrada no Cliente e a Abordagem Centrada na Pessoa, dizem, "Terapia Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa": apenas rótulos diferentes para a mesma coisa. O que soar melhor. Afinal, somos um país livre. Os mais bem informados respeitam a possibilidade de existirem similaridades e diferenças, ainda que só conceitualmente. Eles escrevem: "Terapia Centrada no Cliente e Abordagem Centrada na Pessoa". Os mais diplomáticos (ou apenas oportunistas) jogam a estética para o ar e programam seus processadores de texto para produzirem "Abordagem Centrada na Pessoa/Centrada no Cliente". Embora sem charme, este símbolo ao menos tem a vantagem de agradar aos que acham que os dois conceitos são o mesmo, aos que acham que são diferentes e aos que não se importam. Abordagem Centrada na Pessoa? Seu destino não é tão diferente daquele do pai de Hamlet, "Tis here, 'tis here, 'tis gone. Alas, poor ghost". "Está aqui, está lá, foi embora. Coitado do fantasma".

SERÁ NECESSÁRIA ESSA CONFUSÃO?

Algumas coisas são confusas porque são complexas, para além do que a maioria das mentes pode dominar. Tentar atinar com o sentido através da literatura sobre cura e aprendizagem é um exemplo. Algumas confusões existem devido a traduções incorretas e equívocos de compreensão. E algumas coisas são confusas porque as pessoas as preferem assim. Por exemplo, aqueles que querem se alinhar em um "movimento" com tudo o que isso implica, tentarão manter sem sentido o conceito de abordagem centrada-na-pessoa, como o termo "democracia", que perdeu qualquer sentido concreto em muitos lugares e agora meramente indica "aqueles que estão certos". Eles irão preferir slogans e um agitar das emoções. Seus desejos estarão satisfeitos, como observou Fromm, a propósito dos fanáticos da psicanálise, através de "[...] dogma, ritual, um líder, uma hierarquia, o sentimento de possuir a verdade, de ser superior ao não iniciado, ainda que sem grande esforço, sem uma compreensão profunda dos problemas da existência humana, sem *insight* e sem crítica de sua própria sociedade e seus efeitos mutilantes sobre o homem, sem ter que mudar o próprio caráter naqueles aspectos que realmente importam, isto é, livrar-se da própria ganância, raiva e egoísmo; basicamente sem nem mesmo

escapar ao próprio isolamento" (Bettleheim, 1989, pág. 55-56).

Independentemente das causas dessa confusão, Rogers não considerava o tema da abordagem centrada-na-pessoa nem um pouco confuso. Ele pode ter convivido, às vezes, com uma certa dose de incerteza, mas não com confusão. Considerava a abordagem centrada-na-pessoa como uma forma singular de aproximação organizadora da experiência bem sucedida em diversas atividades. A Terapia Centrada no Cliente foi a primeira dessas aplicações e consistiu na facilitação do crescimento pessoal e saúde psicológica de indivíduos numa psicoterapia pessoa-a-pessoa. Grupos de encontro, aprendizado em salas de aula, terapias de pequenos grupos ou workshops de grandes grupos para aprendizagem sobre formação e transformação da cultura, comunicações interculturais e resolução-de-conflitos estão entre as outras atividades onde a abordagem centrada-na-pessoa tem sido aplicada com graus variados de sucesso.

Em relação à conquista de território, Rogers insistiu: "Falar de uma 'abordagem centrada-no-cliente' ou uma 'abordagem centrada-na-pessoa' como se fossem entidades opostas entre si é, na minha opinião, caminho certo para disputas fúteis e para o caos. [...] Espero que me permitam ser uma pessoa inteira, quer seja chamado para ajudar num relacionamento destinado a ser centrado- no-cliente ou num que seja rotulado centrado-na-pessoa. Eu trabalho do mesmo modo nos dois" (Rogers, 1987, pág. 13).

A ABORDAGEM

O que Rogers queria dizer ao afirmar que trabalhava do mesmo modo em cada situação? Será que existia a mesma compreensão empática nos seus gestos de simpatia e cuidado em relação àquela pobre garota soluçante na entrevista individual de terapia, no seu nervosismo para com aquele jovem apontando o dedo no pequeno grupo, acusando Rogers de trair a "revolução", no seu bocejar reprimido enquanto aquele presunçoso professor universitário monotonamente discorria sobre Sartre e filosofias de liberdade no grande grupo?

Embora seus sentimentos, seu modo de expressão e as circunstâncias possam ter sido diferentes em cada situação, acredito que Rogers **abordava** seu trabalho do mesmo jeito. Ele se aproximava de cada situação com o mesmo desejo de compreender, o mesmo bom humor, a mesma humildade, a mesma honestidade, a mesma aceitação não-julgadora do indivíduo ou do grupo, a mesma curiosidade e abertura à descoberta, a mesma crença de que ele poderia ajudar e que isso era a coisa *mais* importante do mundo a fazer naquele momento. Ele improvisava seu conhecimento e habilidades para aquela situação. Aqueles que o conheceram puderam perceber a *intensidade* no encontro com outra pessoa, e uma vontade de aço flexível. (Deveria o termo "coragem férrea" lhe ser aplicado, como o foi para Virginia Axline?)

Será que essas características são parte da abordagem centrada-na-pessoa? Sim; ao menos no que diz respeito ao caso específico de Carl Rogers. Embora não tenha havido discussão suficiente focalizando esse assunto, que leve a uma definição conclusiva, pode-se começar com algumas formulações.

A abordagem centrada-na-pessoa não é uma teoria, uma

terapia, uma psicologia, uma tradição. Embora muitos tenham notado um posicionamento "existencial" em suas atitudes, e outros tenham se referido a uma perspectiva "fenomenológica" em suas intenções, não é uma filosofia. Acima de tudo não é uma linha, como "linha comportamental", nem um movimento, como por exemplo, o "movimento trabalhista". É meramente uma abordagem; nada mais, nada menos. É um "jeito de ser" (Rogers, 1980) ao se deparar com certas situações que consiste de:

-uma perspectiva de vida, de modo geral, positiva;

-uma crença numa tendência formativa direcional que

Rogers (1980) descreve brevemente como: "Os indivíduos tem dentro de si mesmos amplos recursos para a auto-compreensão, para alterarem seu auto-conceito, sua atitude básica e seu comportamento auto-dirigido; esses recursos podem ser mobilizados se lhes for proporcionado um clima definido de atitudes psicológicas facilitadoras" (pág. 115);

-uma intenção de ser eficaz nos próprios objetivos. No caso da Terapia Centrada no Cliente, por exemplo, a intenção é ajudar outro ser humano a fazer mudanças construtivas na personalidade;

-um respeito pelo indivíduo e por sua autonomia e dignidade. Rogers em uma de suas primeiras tentativas para descrever sua abordagem no que concerne sua aplicação à psicoterapia, propôs que o terapeuta teria "uma capacidade de simpatia que não seria exagerada, uma atitude genuinamente receptiva e interessada, uma compreensão profunda que tornaria impossível fazer julgamentos morais ou ficar chocado ou horrorizado." Este terapeuta teria um respeito pela individualidade que vai ainda mais além. Incluiria "um respeito, profundamente enraizado, pela integridade da [pessoa][...] uma vontade de aceitá-la como é, no seu próprio nível de ajustamento, e lhe dar liberdade para conseguir soluções próprias para seus problemas". Rogers achava, que se deveria esperar que um terapeuta tivesse "uma sólida compreensão de si mesmo, de seus padrões emocionais predominantes, e suas próprias limitações e atalhos" (Kirschenbaum, 1979, pág.96);

-uma flexibilidade de pensamento e ação, não tolhida por teorias ou práticas anteriores, nem mesmo pela experiência, mas aberta a novas descobertas. Uma habilidade de se concentrar intensamente e, com clareza apreender a construção linear da realidade, pedaço-a-pedaço, bem como perceber sua realidade integral, holística, "toda-de-uma-vez";

-uma tolerância quanto às incertezas ou ambiguidades, sendo capaz de viver numa situação caótica até que fatos suficientes se acumulem para ser possível abstrair-se um sentido deles. Um interesse "não na verdade já conhecida ou formulada, mas no processo pelo qual a verdade é tenuamente percebida, testada e aproximada" (Rogers, 1974);

-senso de humor, humildade e curiosidade, sem dúvida, também tem seu papel, embora não sejam exclusivos dessa abordagem.

DIFERENÇA ENTRE ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA E TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Antes mesmo da abordagem ter um nome específico, tal como abordagem centrada-no-cliente ou abordagem centrada-na-pessoa,

Rogers já aplicava as mesmas intenções, crenças e atitudes para uma psicoterapia eficaz. Ele não estava tentando fazer uma boa terapia, apenas tentava ajudar seu cliente. Ao fazer isso, colheu várias observações. Algumas ações pareciam ajudar mais que outras. Os clientes pareciam agir de determinada maneira em certas situações.

Assim, métodos se desenvolveram a partir dessas observações. Teorias foram propostas. Princípios foram estabelecidos. Aquilo que, no final, foi chamado de Terapia Centrada no Cliente, evoluiu juntamente com os princípios que o estavam organizando. Terapia Centrada no Cliente tornou-se um sistema de mudança na personalidade. Embora relacionada com esse sistema, a abordagem, que veio a ser chamada abordagem centrada-na-pessoa, é uma categoria distinta.

Assim, a Terapia Centrada no Cliente tem uma teoria específica, coerente e bem documentada. (Rogers, 1959) A abordagem centrada-na-pessoa não tem nenhuma teoria. Que teoria poderia ter uma abordagem?

Existe um método para conduzir uma Terapia Centrada no Cliente. Não é tão bem especificado quanto a teoria, mas a técnica pessoal de Rogers foi extensivamente documentada e pode ser precisamente descrita. A abordagem não tem método. Ela toma forma de acordo com a demanda.

Quanto à Terapia Centrada no Cliente, um corpo substancial de pesquisa se acumulou, testando as hipóteses propostas pelo estudo de sua teoria e prática. Embora de um modo geral, a pesquisa tenha sido incapaz de convencer a maioria dos psicólogos da validade da teoria, o que tem sido mais convincente e que, de fato, melhorou a psicoterapia em geral, foi o sucesso na clínica, da Terapia Centrada no Cliente. A abordagem centrada-na-pessoa não tem sido pesquisada. A força e a fraqueza dos conceitos de Rogers decorrem em grande parte do fato de que provem da experiência direta do processo da psicoterapia eficaz.

O desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente eficaz resultou na formulação de certos princípios. Alguns se tornaram parte da teoria; outros parte do sistema de crenças dos seus praticantes; outros ainda, parte do folclore que inevitavelmente cerca as atividades de um grupo de pessoas envolvido na mesma tarefa. Para a abordagem, não há tais princípios.

No caso da Terapia Centrada no Cliente, a abordagem foi caracteristicamente expressa através de uma *compreensão empática* intensa dentro de um relacionamento genuíno, de pessoa-a-pessoa, onde o terapeuta aceita *sem questionar* ou julgar, valorativamente, os pensamentos e sentimentos do Cliente.

APLICAR A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA VS APLICAR OS PRINCÍPIOS DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Aplicar a abordagem

Aplicar a abordagem centrada-na-pessoa significa confrontar um fenômeno (tal como psicoterapia, aprendizagem em sala de aula, pequenos grupos de encontro ou de terapia, grandes grupos para aprendizagem de como a cultura é formada ou transformada, para o desenvolvimento de uma compreensão transnacional, para resolução de conflitos inter-grupais) com

uma mente aberta, trabalhando honesta e intencionalmente para os gols implícitos nesse confronto. Implica, não somente, respeitar os outros, mas ser capaz de lidar com a hostilidade e o ceticismo, ter coragem de encarar o desconhecido, seu próprio medo e dúvida, lutar por suas próprias idéias e desistir delas em prol de outras que sejam melhores, ter paciência quando outras perspectivas se tornam evidentes, sem restringir sua própria participação vital.

Aplicar os princípios da Terapia Centrada no Cliente

O contraste é enorme: tentar aplicar os princípios da psicoterapia a um fenômeno, sugere percebê-lo do ponto de vista da terapia e, portanto, atuar de uma maneira que resulte (ou assim se pensa) em uma terapia eficaz. Obviamente, tal ação poderia não ser eficaz, necessariamente, na nova situação e poderia até mesmo ser danosa. Por exemplo, na sala de aula o motivo não é mudar a personalidade do aluno mas sim, facilitar seu aprendizado.

Por exemplo, há evidências de dois amplos projetos baseados em "princípios e modelos" derivados da Terapia Centrada no Cliente que, possivelmente, não foram tão bem sucedidos quanto poderiam. Um, foi a tentativa de modificar o sistema escolar de acordo com valores derivados da Terapia Centrada no Cliente e das crenças dos facilitadores daquela época. (Coulson, 1989) O outro foi a tentativa de resolver conflitos entre grupos. (Wood, 1984)

Aprendizado em sala de aula-

Quando eu era estudante de graduação em matemática, alguns professores, com os quais mais aprendi, tinham o que pode ser considerado como sérios problemas emocionais. Um deles não conseguia olhar os alunos nos olhos, de tão tímido. O outro, ficava tão furioso se alguém o interrompesse com uma pergunta, que abandonava sua palestra e saía intempestivamente da sala. No entanto, uma qualidade admirável que ambos tinham era um intenso envolvimento, não com o aluno mas com o assunto. Embora tivessem uma habilidade limitada para expressá-lo de forma convencional, eles eram, também, empáticos. Eles entendiam minha confusão, minha frustração frequente, minha vitória ocasional, não porque estivessem sensibilizados lidando com meus sentimentos, mas por que já tinham encarado e transposto os mesmos obstáculos que eu estava então encontrando. Nas suas reações emocionais exageradas eles eram congruentes no erro. Embora fossem inflexíveis no seu perfeccionismo matemático, eram totalmente aceitadores das minhas fraquezas pessoais, tanto quanto do meu pensamento inteligente.

Ainda assim, não tinham nem comportamentos, nem atitudes terapêuticas centradas-no-cliente. Se alguém ouvisse gravações eletrônicas de trechos de suas aulas, duvido que concluísse (usando critérios psicoterapêuticos) que tivessem qualquer "atitude facilitadora". Ao contrário, certa vez mencionei a um professor, de quem aprendi enormemente, a minha grande ansiedade em encarar seus exames muito difíceis. Ele disse: "Você tem apenas que relaxar. Tome um trago ou alguma coisa". Definitivamente, eles não estavam aplicando os princípios da Terapia Centrada no Cliente. Entretanto, estavam de fato

agindo de uma maneira consistente com a abordagem centrada-na-pessoa (embora não conscientemente). E acima de tudo, estavam facilitando o aprendizado.

Grupos de encontro-

Na Terapia Centrada no Cliente, diz-se que o terapeuta "oferece" compreensão empática ao Cliente. (Rogers, 1980) Isso acontece mais freqüentemente "atendendo" cada pessoa com "respostas empáticas". No pequeno grupo de encontro, esta prática pode ajudar alguns e a outros não. No entanto, não será tolerada por muito tempo, pelo grupo. Respostas previsíveis dadas pelo facilitador, especialmente aquelas praticadas como técnica, serão mais cedo ou mais tarde desafiadas por outros membros do grupo. "Você só sabe repetir o que alguém diz?" "O que é que você sente?" "Afim de contas, quem é você?" vai ser perguntado ao facilitador. O grupo insiste na franqueza, na honestidade e em expressões congruentes (verbais e não-verbais) de todos os participantes, inclusive do facilitador.

Assim, aplicar os princípios da Terapia Centrada no Cliente (nesse caso, compreensão empática) não é eficaz no grupo. Terapeutas centrados-no-Cliente ao facilitar grupos pela primeira vez e tentando aplicar os princípios da Terapia Centrada no Cliente, rapidamente aprendem isso. Além de confundir a compreensão empática, eles também provavelmente irão confundir os princípios centrados-no-Cliente, de congruência e aceitação. Tentando ser congruente podem se tornar impacientes e impetuosos. Em vez de aceitadores, podem se tornar passivos e inativos.

Entretanto, aplicar a abordagem centrada-na-pessoa pode, e de fato, freqüentemente resulta em um "ambiente facilitador". Isso pode significar prestar atenção às interações entre participantes, que possivelmente sejam mais construtivas, do que entre facilitador e participante. A compreensão empática nessas interações pode ser muito importante. Não o método, mas a realidade, visto que já foi demonstrado que a capacidade do próprio participante para compreensão empática pode ser um melhor indicador de sucesso num pequeno grupo (tal como grupos de psicoterapia), do que a do facilitador. (Mente & Spittler, 1980) Uma aplicação da abordagem centrada-na-pessoa, sugere, então, que a facilitação de encontros significativos entre participantes é muito mais importante do que aplicar a Terapia Centrada no Cliente a cada participante.

Workshops de grandes grupos -

Participantes de uma pesquisa sobre a experiência pessoal relacionada a workshops de grandes grupos da abordagem centrada-na-pessoa, nem sequer mencionaram a compreensão empática, como significante para sua experiência. (Stubbs, 1992) Pelo contrário, a observação mais comum (e para muitos, a mais desapontadora) em conversações nos grandes grupos, é a aparente não existência de compreensão empática entre os indivíduos. Um participante pode expressar profundos sentimentos pessoais que anseiam por uma resposta. A pessoa seguinte a falar, pode ignorar completamente esse apelo implícito e abrir um assunto inteiramente novo, às vezes a cento-e-oitenta graus da primeira.

A despeito disso, a compreensão empática pode se tornar evidente. Pode não ser entre facilitador e participante como na Terapia Centrada no Cliente; nem como entre participantes de um pequeno grupo de encontro; mas, às vezes, existe entre o grupo, como um todo, um "estado de consciência" onde há mútua compreensão.

Assim, enquanto aplicar os princípios da Terapia Centrada no Cliente pode não acertar alvo, *abordar* a nova situação com as mesmas intenções e atitudes, que resultou no sucesso na Terapia Centrada no Cliente - isto é, aplicar a abordagem centrada-na-pessoa - pode resultar não somente em "sucesso" naquela tarefa, mas também pode revelar princípios eficazes apropriados à nova atividade.

Ironicamente, a abordagem - sem nome, não-diretiva, centrada-no-Cliente, centrada-na-pessoa, -- funciona melhor em situações onde o fenômeno que está sendo confrontado não tiver respondido bem a outras tentativas, inclusive "princípios de terapia", ou quaisquer técnicas ou modelos que se imagine terem sido bem sucedidas em outras situações.

PORQUE ADOTAR A PERSPECTIVA SEGUNDO A QUAL A ABORDAGEM
CENTRADA NA PESSOA É SIMPLEMENTE ISSO,
UMA ABORDAGEM; NADA MAIS, NADA MENOS?

A perspectiva pessoal de Rogers

Além de trazer simplicidade e clareza ao uso do termo "abordagem centrada-na-pessoa", essa era a perspectiva pessoal de Rogers. Ao longo de toda sua carreira ele estava compreendendo, aplicando e descrevendo uma **abordagem** única.

Embora os nomes tenham mudado de tempos em tempos, a abordagem não mudou. Tão longe quanto pude olhar.

Quando criança ele era fã de uma história chamada *O Naufrágio de Albermarle*, na qual um ancestral seu salva o dia. O herói esconde um torpedo num pequeno barco, veleja subindo os rios costais e explode o couraçado Confederado *Albermarle*. A estratégia era inteligente, mas foi a abordagem que a fez funcionar. Ela consistia na seguinte atitude: "pode ser feito e eu o farei".

Quando ele ainda era um jovem psicólogo em Rochester (por volta de 1930), já começava a se dar conta de que "estava se afastando de qualquer **abordagem** coercitiva ou que exercesse pressão".

Em 1937, em Indianópolis, no encontro do Conselho Nacional de Serviço Social, ele apresentou um artigo intitulado, "A **Abordagem** do Psicólogo Clínico a Problemas de Personalidade".

No seu lendário discurso na Universidade de Minnesota, a 11 de dezembro de 1940, que ele considerou como "o dia em que a Terapia Centrada no Cliente nasceu" (embora ainda não tivesse esse nome), ele descreve sua "mais nova terapia". Seu último ponto nessa descrição foi, "Finalmente, esta **abordagem** enfatiza o relacionamento terapêutico em si mesmo, como uma experiência de crescimento".

Assim, mesmo antes de sua psicoterapia ter ganho um nome, já existia um modo coerente de **abordar** psicoterapia. No seu primeiro grande livro, *O Tratamento Clínico da Criança Problema* (1939), ao esboçar a **abordagem** que ele admirava (compilada do que ele considerava as similaridades de todas as terapias bem sucedidas), já antecipava o que seria

identificado como a sua psicoterapia. Embora ainda não houvesse uma psicoterapia confiável e nada que se parecesse com uma psicologia, já havia uma **abordagem** que não iria mudar muito através de 60 anos.

No seu livro *Psicoterapia e Aconselhamento* (1942) a psicoterapia de Rogers começou a se desenvolver no sentido de uma prática definitiva: Terapia Não-Diretiva. Assim, a abordagem, logicamente era chamada abordagem não-diretiva. Por exemplo, nesse livro, há um capítulo intitulado, "**Abordagem Diretiva vs. Não-Diretiva**".

Em 1946, Rogers proferiu uma palestra cuidadosamente preparada para uma audiência bastante cética na Clínica Menninger. O nome desse artigo seminal que foi editado e subsequentemente publicado no revista *The American Psychologist*, era, "Aspectos Significativos da Terapia Centrada no Cliente". Sua psicoterapia ganhava um novo nome e, apropriadamente ele se referia à sua abordagem como "abordagem centrada-no-cliente". Dizia: "Embora a **abordagem centrada-no-cliente** tenha suas origens puramente dentro dos limites da clínica psicológica, está provando ter implicações, freqüentemente de natureza bastante espantosa, em diferentes campos de atividades". Ele previu que essa nova abordagem iria produzir:

- [1] uma maior compreensão do processo de psicoterapia e a melhora da sua prática;
- [2] aplicações no campo da educação;
- [3] um maior respeito pela filosofia da auto-determinação;
- [4] aplicações na resolução de conflitos sociais e grupais.

O que, de fato, ocorreu. Além disso, ao longo de sessenta anos de sua carreira, a **abordagem** nunca mudou. Nos primeiros trinta anos, durante a fase intensiva do desenvolvimento da Terapia Centrada no Cliente, era freqüentemente chamada de **Abordagem Centrada-no-Cliente**. Nos trinta anos seguintes, quando foi aplicada mais intensivamente à Educação, a pequenos grupos de encontro ou à psicoterapia de pequenos grupos, e a grandes grupos para facilitar a compreensão transnacional, à resolução de conflitos ou a aprendizagem sobre a natureza da cultura e seus processos de formação, tem sido chamada, **abordagem centrada-na-pessoa**.

O quadro a seguir poderá ajudar a colocar em perspectiva a história da abordagem e suas aplicações mais importantes:

1935.....1965.....1995					
a Abordagem					
Abordagem Centrada-no-Cliente			Abordagem Centrada-na-Pessoa		
Terapia Centrada-no-Cliente			outras aplicações		
I	II	III	IV	V	VI

I. Atitudes do terapeuta. Caracterizada pelo livro de

Rogers, *Aconselhamento e Psicoterapia*, publicado em 1942.

II. Métodos de terapia. Identificada pelo livro *Terapia Centrada no Cliente*, publicado em 1951.

III. Experiência ou processos internos. Corresponde à publicação (1961) do best-seller, *Tornar-se Pessoa*.

IV. A facilitação do aprendizado. *Liberdade para Aprender* (1969).

V. Relacionamentos inter-pessoais. *Grupos de Encontro* (1970).

VI. Processos sociais, formação e transformação da cultura. *Sobre o Poder Pessoal* (1977) e *Um Jeito de Ser* (1980).

O período dos primeiros trinta anos da **abordagem centrada-no-cliente** estava voltado para o desenvolvimento de um sistema de mudança na personalidade que se concentrava no mundo subjetivo do indivíduo. O período dos trinta anos seguintes da **abordagem centrada-na-pessoa** voltou-se também para interações sociais e se concentrou no aprender fazendo.

Alguém que estude esse assunto cuidadosamente notará que Rogers nem sempre era consistente no seu uso da palavra "abordagem", seja centrada-no-Cliente ou centrada-na-pessoa. Algumas vezes usava a frase "a Abordagem Centrada no Cliente" como sinônimo da "Terapia Centrada no Cliente". Por exemplo, certa vez quando discorria sobre a abordagem centrada-na-pessoa e seus sonhos de paz mundial, Rogers (1984) disse que "não há garantia de que o modelo funcionará tão bem em uma escala mais ampla...". Aqui ele confunde "modelo" com "abordagem".

Entretanto, freqüentemente ele também confundia, aqueles que para os estudiosos haviam se tornado, termos teóricos significativos. Por exemplo, "self" é usado nos seus escritos, alternadamente tanto com seu sentido técnico, quanto com seu sentido corriqueiro. "Compreensão empática" em um momento é um estado de consciência, uma parte de um método de conduzir terapia e no seguinte, é um conceito.

Assim, a inconsistência de Rogers não deve obscurecer o fato de que na maioria do tempo ele usava a palavra "abordagem" no sentido de uma postura essencial, como na, "abordagem subjacente". Além disso, esse uso dá uma indicação de como ele lidava com um dos dilemas teóricos da sua carreira profissional.

O Dilema

Rogers passou uma grande parte da sua vida profissional tentando conceitualizar o que considerava estar aprendendo e fazendo. Em parte, o que ele estava tentando fazer era integrar duas de suas crenças básicas, que às vezes pareciam ser contraditórias. Uma, era a tendência atualizante. A outra, o papel efetivo do terapeuta no processo terapêutico (ou educacional ou no grupo). A primeira pode ter nascido com ele, visto que não há nada que eu saiba que possa sugerir que ele alguma vez tenha tido crenças diferentes dessa. A segunda, ele

provou a si mesmo, repetidamente, na prática: alguma coisa que ele fazia, contribuía para o sucesso no seu trabalho com Clientes, estudantes e participantes de grupo.

Como essas crenças se conflitavam? Se algo que Rogers fazia era o que promovia uma mudança construtiva, então não era a tendência atualizante. Se fosse a tendência atualizante, o sucesso não dependeria dele. Então, será que ele poderia ter feito qualquer coisa que quisesse e ainda assim ter participado de uma terapia eficaz? Não. Então, o que ele fazia de realmente significativo?

Logo de início, ele considerou que estivesse "criando um ambiente". No caso de crianças delinquentes isso significava que ele arranjaría lares de adoção onde a criança poderia receber as condições que permitiriam à tendência atualizante funcionar otimamente.

Como terapeuta, o que ele fazia parecia funcionar, assim ele tentava conceitualizá-lo. Seu "método" foi aprendido por outros, alguns dos quais também obtiveram sucesso. No entanto, algumas vezes o método fazia com que a terapia fosse menos eficaz, se caísse nas mãos da pessoa errada. Também, parecia perder efetividade com o tempo. Então, o que estava acontecendo? Alguma coisa tinha a ver com o terapeuta. O que? As "atitudes" do terapeuta foram as primeiras candidatas, mesmo antes da Terapia Centrada no Cliente ter sido completamente formulada. Mas "atitudes" trouxeram de volta o velho problema: se as atitudes do terapeuta causam uma mudança construtiva, então como fica a tendência atualizante? De volta ao "ambiente". As atitudes do terapeuta estabelecem um ambiente "psicológico".

Enquanto o campo de interesse estava restrito à psicoterapia esse torneio de ping-pong poderia ter continuado. Mas o assunto ficou muito mais complexo em relação ao aprendizado em sala de aula, grupos de encontro, grandes grupos, onde Rogers sentia que estava fazendo coisas bem diferente, freqüentemente fazendo muito menos. Embora, estivesse abordando seu trabalho do mesmo modo, e estivesse expressando os mesmos valores, as mesmas atitudes, as mesmas intenções, a mesma postura, de maneiras sugeridas pelo fenômeno. Visto que, diferentemente da psicoterapia, a abordagem não tinha "princípios", eles teriam que ser descobertos. Visto que não tinha ações específicas, elas teriam que ser formuladas. Será que havia algo específico? Sim, a **abordagem** era específica. Existia um "jeito de ser" específico .

O relato que se segue de um terapeuta principiante (publicado por Rogers num artigo seminal de 1946) ilustra o processo da aplicação da abordagem. É um processo de aprendizagem. O exemplo é importante porque ilustra o fato de que desde o início da Terapia Centrada no Cliente, o método (embora flexível) era proveniente de uma **abordagem** explícita, um "jeito de ser" definido e que é essa abordagem que está sendo transmitida através de qualquer método.

"A técnica" ele relata, "parece enganosamente fácil de dominar. Então, você começa a praticar. Uma palavra errada aqui, outra lá. Você não reflete o sentimento, em vez disso, reflete o conteúdo. É difícil lidar com as perguntas; você fica tentado a interpretar. Nada parece tão sério que a prática futura não possa corrigir[...] Só gradualmente vai se percebendo que, se for verdadeira, a técnica exigirá um

sentimento caloroso. Você começa a sentir que a atitude é a questão. Nenhuma pequena palavra será tão importante, se você tiver para com o Cliente uma correta atitude aceitadora e permissiva [...] Ainda assim você tem aquelas perguntas perturbadoras do Cliente. Ele simplesmente não conhece o próximo passo. Ele lhe pede uma dica, algumas possibilidades, afinal de contas espera-se que você saiba alguma coisa, senão, por que ele estaria lá? [...] Então você começa a se perguntar. A técnica é boa, mas [...] será que tem alcance suficiente? Será que ela realmente funciona com Clientes? Será certo deixar a pessoa desamparada, quando você talvez possa mostrar-lhe a saída? [...] Pois aqui se exige de você o que nenhuma outra pessoa pode fazer ou assinalar - isto é, rigorosamente examinar a si mesmo e suas atitudes em relação aos outros. Você verdadeiramente acredita que todas as pessoas tenham um potencial criativo nelas mesmas? Que cada pessoa é única e que só ela pode trabalhar e resolver sua própria individualidade? Ou você realmente acredita que algumas pessoas tenham um 'valor negativo' e outras sejam fracas e precisem ser conduzidas e ensinadas por gente mais 'sábia' e mais 'forte'? Você começa a ver que não há nada compartimentalizado nesse método de aconselhamento. Não é somente aconselhamento, porque exige a consistência mais exaustiva, penetrante e abrangente possível. [...] quando aceitação e permissividade genuínas são os seus instrumentos, isso requer nada menos que sua completa personalidade. E desenvolver-se a si mesmo é a exigência maior."

O que a pessoa aprende da abordagem centrada-na-pessoa é que não se pode confiar na teoria, nem mesmo de uma que você construiu pessoalmente através de árdua experiência de vida. É meramente um ponto de partida para cada novo defrontar-se com o que é vivo. Até a própria experiência não é sagrada. Ela fornece a orientação inicial, mas é somente quando seu conhecimento acumulado de qualquer natureza - se exaure, é que você começa a contar com a abordagem. Martin Buber capturou essa noção suscintamente: "É apenas quando todos os meios fracassaram que o encontro pode acontecer".

Serve de base para uma psicologia mais adequada

Considerando-se a abordagem centrada-na-pessoa como uma *abordagem* e estudando o que acontece quando ela é aplicada a fenômenos complexos, além da psicoterapia, poder-se-á também formular uma psicologia adequada não só para aqueles fenômenos mas também para a Terapia Centrada no Cliente. Até os anos sessenta, a Terapia Centrada no Cliente tinha uma psicologia adequada para aplicar ao contexto no qual funcionava. (Rogers, 1959) Entretanto, desde então, mais informações sobre a natureza humana se tornaram disponíveis. Juntamente com pesquisas sobre o cérebro e outros estudos, temos agora uma outra visão do ser humano. Considerações da abordagem centrada-na-pessoa sobre relacionamentos interpessoais, sob essa nova luz, revelaram que a psicologia subjacente à Terapia Centrada no Cliente é inadequada.

Por exemplo, a psicologia da Terapia Centrada no Cliente não tem uma explicação adequada para o porque dos seres humanos construírem campos de concentração nazistas. Nem mesmo pode explicar por que pessoas bem intencionadas, aparentemente normais, não se recusam a punir outros seres humanos iguais a

si, em uma experiência de aprendizagem controlada. (Milgram, 1974) Rogers reconheceu que estava desconcertado pelo experimento de Milgram.

Essa psicologia não tem uma explicação razoável para o porque dos seres humanos *como um grupo*, dirigindo seus carros, produzirem uma mortal poluição do ar, que ninguém individualmente parece desejar; porque jurís e outros corpos tomam decisões que são contrárias àquelas que os membros individuais poderiam decidir sozinhos; por que em quase todos os encontros de grupos os indivíduos pensam, sentem e agem diferentemente de quando estão sós.

A psicologia da Terapia Centrada no Cliente não tem explicação razoável para o efeito placebo; nem para os efeitos na consciência, decorrentes do espaço físico, da composição do ar, da luz, dos campos eletromagnéticos ou de outras influências escondidas a que estamos expostos. Todos esses efeitos devem figurar significativamente em qualquer processo psicoterapêutico.

Essa psicologia não considerou adequadamente todas as dimensões da mente, estados mentais excepcionais, agressão, ganância, oportunismo, e vários comportamentos tribais que continuam a afetar nossa vida coletiva. O estudo de grupos, especialmente, workshops de grandes grupos, torna impossível continuar a ignorar essas funções. O fato de que nenhuma outra psicologia tenha explicações plausíveis não deve nos desencorajar de tentar esboçar uma psicologia razoável. Além disso formular uma psicologia razoável para as aplicações da abordagem centrada-na-pessoa pode apenas melhorar a Terapia Centrada no Cliente, tanto quanto outras psicoterapias.

É bem possível que uma nova entidade possa ser introduzida, algo chamado "Terapia Centrada na Pessoa". Se assim for, terá que ter uma psicologia adequada para lidar com as realidades presentes. Eu esperaria que fosse construída com o mesmo rigor, que fosse submentida à mesma pesquisa cuidadosa e que seu método tivesse demonstrado sua superioridade ao da Terapia Centrada no Cliente. (vide Cury, 1993)

As realizações da abordagem nem sempre foram tão boas quanto se acredita. Por outro, uma análise das fraquezas não justifica que a abandonemos. Pelo contrário, ela é muito melhor do que se imagina, e em grande parte, suas potencialidades ainda não foram realizadas.

Toda vez que um aluno ou colega se preocupava com algum novo dado de pesquisa ou alguma idéia nova que fizesse a Terapia Centrada no Cliente parecer errada, Rogers não se perturbava. Sua resposta se tornou legendária, "Não se preocupe, os fatos são sempre amistosos". Este artigo pretende provocar uma discussão sobre "fatos" que esperamos sejam "amistosos", isto é, que possam alargar, iluminar e tornar mais útil uma compreensão não somente desse assunto, mas também ajudar a clarear a questão básica, Como se tornar um ser humano?

John Keith Wood
Jaguariúna, julho 1994.

ABSTRACT

A abordagem centrada-na-pessoa não é uma psicologia, uma psicoterapia, uma filosofia, um movimento, e nem muitas outras coisas que são freqüentemente imaginadas.

É meramente, o que o nome sugere, uma **abordagem**. É uma postura psicológica, um jeito de ser, a partir do qual se confronta uma situação.

A melhor atividade à qual foi aplicada é a Terapia Centrada no Cliente, que é uma psicoterapia, tem uma psicologia, um método e um corpo de pesquisa que, no geral, apoia suas asserções teóricas.

Este artigo considera 60 anos de aplicações da abordagem centrada-na-pessoa que incluem - além da psicoterapia - educação, grupos de encontro, bem como grandes grupos para facilitação da compreensão transnacional, para explorar soluções para conflitos entre grupos, para aprender sobre a natureza da cultura e seu processo de transformação.

Observações a respeito dessas aplicações, nos últimos trinta anos, revelaram inadequações na psicologia da Terapia Centrada no Cliente.

Aponta-se a necessidade de formulação de uma psicologia apropriada para todas as aplicações da abordagem centrada-na-pessoa. Sugere-se, também, que uma reflexão sobre essa discussão pode lançar luzes sobre a prática da Terapia Centrada no Cliente.

 The person-centered approach is not a psychology, a psychotherapy, a philosophy, a movement nor many other things frequently imagined.

It is merely what its name suggests, an **approach**. It is a psychological posture, a way of being, from which one confronts a situation.

The best known activity it has been applied to is client-centered therapy, which is a psychotherapy, has a psychology, a method and a body of research generally supporting its theoretical assertions.

This paper considers the some sixty years of applications of the person-centered approach which include - as well as psychotherapy - education, encounter groups, and large groups to facilitate transnational understanding, to explore solutions to intergroup conflicts, to learn the nature of culture and its process of formation.

Observations from these applications over the last thirty years have revealed inadequacies in the psychology of client-centered therapy.

A need is indicated for the formulation of an appropriate psychology for all the applications of the person-centered approach. It is also suggested that reflection on this discussion may inform the practice of client-centered therapy.

REFERENCES

- Bettleheim, B. (1989) *Freud's Vienna and other essays*. N.Y.: Alfred Knopf.
- Bozarth, J.D. & Temenar, B. (1984) Client-centered/ person-centered psychology: A statement of understanding. Apresentado no Segundo Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa.
- Coulson, W.R. (1989) Founder of "value free" education says he owes parents an apology. *AFA Journal*. April. p.20-21.
- Cury, V.E. (1993) Abordagem centrada na pessoa: Um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para a terapia centrada no cliente. Dissertação inédita. Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Kirschenbaum, H. (1979) *On becoming Carl Rogers*. N.Y.: Delacorte Press.
- Land, D. (1987) Roundtable discussion *Person-Centered Review*, 1 (3) p. 340-341.
- Lifton, R.J. (1983) *The life of the self*. N.Y.: Harper Basic Books
- Mente, A. & Spittler, H.D. (1980) *Erlebnisorientierte Gruppen Psychotherapy*. Paderborn: Junfermann.
- Milgram, S. (1974) *Obedience to authority*. N.Y.: Harper & Row.
- Monteiro dos Santos, A. (1982) *The Nature of Essential Healing Moments in Psychotherapy*. Dissertação inédita. International College
- Rogers, C.R. (1939) *The clinical treatment of the problem child*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C.R. (1942) *Counseling and psychotherapy: New concepts in practice*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C.R. (1946) Significant aspects of client-centered therapy *The American Psychologist*, 1 (10) p.415-422.
- Rogers, C.R. (1951) *Client-Centered Therapy*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C.R. (1959) A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. In S. Koch (Ed.) *Psychology: A study of a science*, 3. *Formulations of the person and the social context*. N.Y.: McGraw Hill. p.184-256.
- Rogers, C.R. (1961) *On becoming a person*. Boston. Houghton Mifflin.
- Rogers, C.R. (1974) Remarks on the future of client-centered therapy. In D.A. Wexler & L.N. Rice (eds.) *Innovations in client-centered therapy*. N.Y.: John Wiley & Sons.
- Rogers, C.R. (1977) *On personal power*. N.Y.: Delacorte Press.
- Rogers, C.R. (1980) *A way of being*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C.R. (1984) Building a person-centered approach to international disputes: A step in the practice of peace. Proposal for the Rust Workshop Center for Studies of the Person, La Jolla, California.
- Rogers, C.R. (1986) A comment from Carl Rogers. *Person-Centered Review*, 1 (1)
- Rogers, C.R. (1987) Client-Centered? Person-Centered? *Person-Centered Review*, 2 (1) p.11-13.
- Stubbs, J. P. (1992) Individual experiencing in person-centered community workshops: A cross-cultural study. Dissertação inédita. The University of Georgia
- Wood, J.K. (1994) The person-centered approach's greatest weakness: Not using its strength. *The Person-Centered Journal*, 1 (2) p.69-78